

O efeito das relações comerciais Sul-Sul no desenvolvimento social: caso do Mercosul.

*Maria Eduarda Ferreira Cabral
Marcus Vinícius de Sá Torres*

Abstract

As relações Sul-Sul levam ao desenvolvimento? Nossa hipótese considera que o aumento das relações comerciais entre os países leva a um desenvolvimento social. Este trabalho tenta explicar a partir da ótica de caso do Mercosul na América Latina, utilizando o Brasil mais especificamente como referência. Utilizou-se análises temporal e descritiva, partindo dos resultados do teste t de comparação de médias das relações comerciais entre o Brasil e os outros países do bloco antes e depois do Mercosul, além dos índices de Gini e o IDH como parâmetros para verificar se o desenvolvimento social dos países foi fatídico. Resultados confirmam a hipótese de melhoria nos índices sociais, acompanhado pelo crescimento das relações econômicas intra-bloco.

Introdução

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) foi assinado em 1991 no Paraguai como resposta aos acontecimentos internacionais de integração regional, e tinha como foco principal alcançar tal engajamento entre os países que acelerasse o desenvolvimento econômico e comercial dos países membros (MERCOSUL, 1991). Um processo que já se estendia desde a década de 1980 com a assinatura da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), visando facilitar as relações comerciais com seus países membros na América Latina. O Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil (MDIC) discorre os acordos tarifários preferenciais que vêm estimulando essa relação entre os membros do bloco comercial, a exemplo do que foi posto em prática a partir da assinatura do Tratado de Montevidéu, também chamado TM80 (BRASIL, 2015; MDIC, 2015). Todo esse processo de integração regional embrionário, diminuindo as barreiras tarifárias e criando Tarifas Externas Comuns (TEC) são os primeiros passos que indicam a vontade de uma maior integração entre os países para seu maior desenvolvimento.

Rodriguez (1995) comenta que para chegar à integração máxima, ou seja, para que o grupo regional seja classificado como um Mercado Comum é necessário cumprir com quatro implicações. A primeira foca na livre circulação de bens e serviços nos quais se retira todas as restrições que não são passíveis de ser tarifáveis, como leis fitossanitárias. O segundo seria um consenso na criação de uma tarifa externa comum a todos os países do grupo. O terceiro foca nas determinações de coordenações de políticas macroeconômicas. Já o quarto ponto comenta como os países devem ter uma unificação do Direito, de modo com que haja mais fortalecimento no processo de integração. Todo esse processo visando uma maior cooperação entre os países dentro dos blocos regionais pode ser equiparado com as feitas entre os países subdesenvolvidos para melhorar sua economia e o bem estar de sua população.

Caracterizadas como sendo uma relação horizontal entre países em desenvolvimento, além de serem classificadas como um tipo de cooperação internacional para o desenvolvimento (CID), as cooperações Sul-Sul (CSS) têm sido tópico recorrente em

diversos trabalhos, como nos de Lima (2005), Milani (2012) e Leite (2012), sendo a última autora formuladora dos termos utilizados no trabalho. Na interseção dos dois campos – as CSS e a CID – encontra-se a cooperação sul-sul para o desenvolvimento (CSSD). Os conceitos, apesar de primeiramente confusos, são fundamentais, uma vez que podem levar a conclusões difusas para com aqueles que não possuem conhecimento prévio do assunto. Essa classificação explorada serve de base para o artigo demonstrar a aplicação da CSSD na realidade.

Diferentemente do que é considerado normal no mercado clássico liberal, em que a pauta dos países é focada somente no processo competitivo, vê-se nas CSS uma relação de dependência, onde as nações unidas alcançariam um maior avanço a partir de relações mútuas. Contudo houve incertezas devido a não estruturação institucional. (LEITE, 2012)

Segundo Carvalho e Parente (1999), as críticas a essa organização para atingir o desenvolvimento se concentram em dois pontos: o aumento inerente do poder de mercado dados aos blocos regionais e os efeitos do desvio do comércio. Nas relações comerciais, os atores que se engajam nesses blocos regionais e acordos já possuam relações prévias, como no exemplo do nosso trabalho onde a Argentina e o Brasil, principais países do MERCOSUL, têm relações comerciais que remontam desde o início dos anos 1800 (CANDEAS, 2005), confirmando a hipótese de que os indivíduos só precisavam de um caráter institucional. Contudo, quanto aos processos históricos das relações, elas remontam a antes dos acordos de integração.

O primeiro ponto da crítica tende a focar no processo de institucionalização e seu efeito nas relações comerciais. Esse processo tenderá a ser mais agressivo em relação as suas propostas e políticas, já que os atores podem se fazer representar não como atores unitários no sistema internacional, mas provido de maior força dentro do grupo regional. Além disso, essa adesão aos organismos internacionais por alguns Estados acaba influenciando outros a fazerem o mesmo para poderem dialogar em igualdade seus interesses, como pode ser visto a partir da Teoria Funcionalista de Mitrany (1946). As instituições internacionais então podem fazer com que os atores tenham a tendência a tirar das suas escolhas ótimas a partir de um processo de *trade off*, já que as ações são de causados por múltiplos fatores, além de provavelmente os atores sejam passíveis de ganho nas próximas rodadas (SOUZA, 2006).

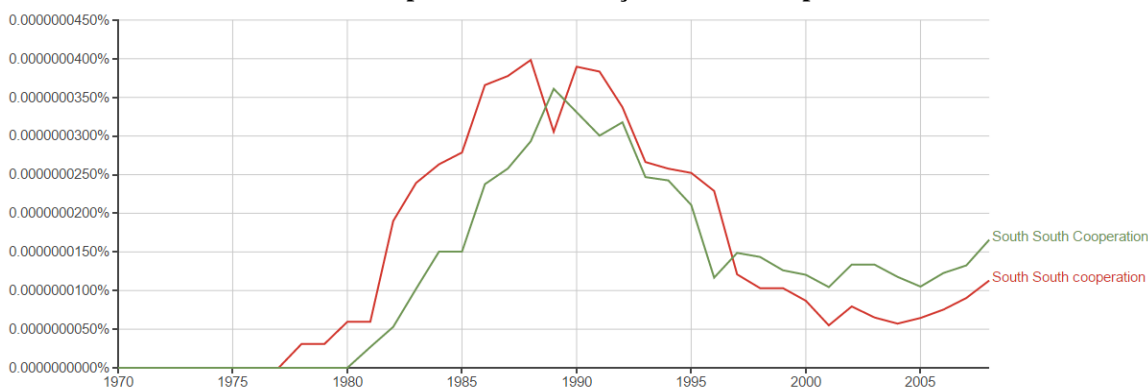
O segundo ponto de crítica comenta de maneira mais direta do efeito, explana principalmente a endogenia. Ou seja, o sucesso do grupo no primeiro tempo pode se mostrar favorável pela mudança de preferência dos atores do grupo. Ao invés de escolher algum parceiro comercial que seja exterior ao seu grupo, o Estado tende a escolher um parceiro interno a grupo, de modo com que as economias de ambos sofram mudanças positivas. O efeito primário é uma diminuição de competição, já que os produtos vindos de outras economias, além de enfrentar a barreira tarifária estabelecida previamente pelo grupo, a diferenciação tarifária aos produtos produzidos por um país dentro desse grupo será mais barato que o mesmo produto produzido fora e, talvez, de

melhor qualidade, porém as isenções tarifárias para os países dentro do bloco econômico e as altas tarifas para a entrada do mesmo produto vindo de fora desse bloco contribui para uma maior estabilização e menor competitividade no mercado externo. O autor explica usando da macroeconomia aplicada assim considerando que:

“(…) Uma vez que a eliminação tarifária só se dará intrabloco, ou seja, as barreiras tarifárias impostas ao resto do mundo não sofrerão nenhuma mudança, haverá distorções que acarretarão a perda de mercado pelos demais exportadores mundiais. Assim, um acordo comercial barateia os preços dos produtos exportados pelos países do bloco em relação ao preço dos produtos exportados por países não parceiros. Assim, um acordo comercial barateia os preços dos produtos exportados pelos países do bloco em relação ao preço dos produtos exportados por países não parceiros. Conseqüentemente, a curva de demanda por produtos de origem extrabloco tende a se retrair.”

Para ratificação da importância da CSS na literatura, o gráfico abaixo mostra o crescimento da utilização do termo nos últimos anos.

Gráfico 1 – South South Cooperation: visualização do uso da expressão de 1970 a 2008



Fonte: Google Ngram Viewer (case-insensitive; from the corpus English and with smoothing of 3).

Como é possível observar, o tópico tem sido abordado desde os anos 1980 e apesar da diminuição da recorrência nos anos 1990, encontra-se em ascensão desde 2000, anos esses que retratam um pouco do histórico da CSS. A concepção de um grupo de países do Sul, eixo comumente associado aos países subdesenvolvidos, com o objetivo de promover seu desenvolvimento e a defesa da sua soberania já vem desde a Guerra Fria e com os movimentos de descolonização.

Segundo Leite (2012), quatro fases podem ser identificadas. Uma primeira fase relativa ao desenvolvimento da CSS onde se observa uma união, ainda que não muito coesa¹, em torno de temas políticos, quando esses países em desenvolvimento buscavam se apoiar nas arenas multilaterais.

O segundo período de desenvolvimento da CSS ocorreu nos anos 1970. A cooperação política se estendeu para os campos técnicos e econômicos. Essa cooperação, teoricamente, seria concretizada com o crescimento dos países do Sul ao aumentarem

¹ Vide Cervo e Bueno (1992) que aborda a posição ambígua do Brasil nesse período: defendendo resoluções gerais de condenação à exploração econômica das colônias e a favor da autonomia e da autodeterminação dos países, porém em resoluções específicas tendia a contradizer sua posição.

seu PIB, suas exportações e renda per capita². E, no que concerne a cooperação financeira, o choque do petróleo em 1974 foi um marco fundamental nesse período, representando na OPEP a possibilidade de países do Sul deter de grande poder de barganha frente aos países do Norte.

O período seguinte, nos anos 1980 e 1990 representou uma recessão nessas relações. A queda da URSS representava a queda de uma das bases políticas do não alinhamento defendida por esses países. Agravado pelo fato de ter sido uma época de transição democrática para os países latino-americanos, além das questões domésticas dos governos africanos, por exemplo, onde eclodiram diversas guerras civis no período. Carvalho e Parente (1999) acrescentam que se esperavam relações comerciais multilaterais num nível mundial. Ao invés disso, foi observado na época uma grande explosão das relações com foco regional e criação de Mercados Comuns, Zonas de Livre Comércio e Uniões Aduaneiras, como o MERCOSUL, NAFTA e a União Europeia.

Porém, já no final dos anos 1990, seguindo para os anos 2000 houve um ressurgimento da pauta de forma intensa. Leite (2012) mostra uma tabela cronológica dos eventos multilaterais que impulsionaram e contribuíram para conceituar o que é a cooperação sul-sul. Percebe-se que após uma grande expansão nos anos 70, vem uma contração nos anos 80 e 90. Atualizamos a tabela no quadro abaixo, acrescentando dados dos relatórios da SEGIB (2008, 2009, 2010) e é possível observar a notável expansão na primeira década dos anos 2000.

Quadro 1 - Eventos multilaterais que contribuíram para impulsionar e definir a cooperação sul-sul

Ano	Eventos
1974	- 29º Período de Sessões da AGNU
1976	- V Conferência de Chefes de Estado e de Governo dos Países Não Alinhados - Conferência sobre Cooperação Econômica entre países em Desenvolvimento - 31º Período de Sessões da AGNU
1977	- 32º Período de Sessões da AGNU
1978	- Conferência das Nações Unidas sobre CTPD
1979	- 1ª Sessão do Comitê de Alto Nível das Nações Unidas para a Revisão da CTPD - XVIII Período de Sessões da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL)
1981	- Conferência de Alto Nível sobre Cooperação Econômica entre Países em Desenvolvimento (CEPD)
1995	- 9ª Sessão do Comitê de Alto Nível das Nações Unidas para a Revisão da CTPD
1996	- Reunião de Diretores de Cooperação Técnica Internacional da América Latina e do Caribe
1997	- Reunião de Países-Pivô
2000	- Reunião de Chefes de Estado e de Governo do G77 - Cimeira de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas
2001	- 10ª Reunião Intergovernamental de Acompanhamento e de Coordenação da CEPD
2002	- Primeira Conferência Internacional sobre o Financiamento para o Desenvolvimento
2003	- XIII Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados - 58º Período de Sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas - Conferência de Alto Nível sobre CSS ou I Cúpula do Sul
2004	- XVII Reunião do Comitê de Cooperação Técnica entre Países e Regiões em Desenvolvimento da CEPAL (30º Período de Sessões)

²Amsden (2004), apesar de não tratar especificamente do grupo dos países do Sul, mas dos “New Industrialized Countries” (NICs), afirma que um fator fundamental para o desenvolvimento desses países seria o forte investimento estatal na captação de conhecimentos e tecnologias.

	- 59º Período de Sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas
2005	- II Fórum de Alto Nível sobre a Eficácia da Ajuda ao Desenvolvimento. - Conferência de Alto Nível sobre CSS, Segunda Cúpula do Sul
2006	- XIV Cúpula de Movimento dos Não Alinhados
2007	- 62º Período de Sessões da AGNU, 15º Período de Sessões do Comitê de Alto Nível para a CSS - XVII Cúpula Ibero-Americana
2008	- I Fórum de Alto Nível sobre Cooperação para o Desenvolvimento (FCD/ECOSOC) - III Conferência Intergovernamental sobre Países de Rendimento Médio - Terceiro Fórum de Alto Nível sobre a Eficácia da Ajuda ao Desenvolvimento - Lançamento do <i>South-South Experience Exchange</i> pelo Banco Mundial - Conferência internacional de acompanhamento do cumprimento dos compromissos da Cimeira de Monterrey.
2009	- Grupo de Trabalho sobre a Eficácia da Ajuda (WPEFF) - Reunião do G5 e o G8 - <i>Policy Dialogue on Development Cooperation</i> - Primeira Reunião do <i>Task Team on South-South Cooperation</i> - 64º Período de Sessões da Assembleia Geral de Nações Unidas - Reunião preparatória do <i>Africa Regional Consultation Core Working Group (Cwg)</i> . - Reunião de Alto Nível sobre Responsabilidade Mutua e Transparência (FCD/ECOSOC) - 30+1 aniversário do Plano de Ação de Buenos Aires sobre CTPD. - Sexto Dia comemorativo da Cooperação Sul- Sul.
2010	- Conferência sobre Financiamento ao Desenvolvimento e Doadores Emergentes. - Oficina “A Cooperação Triangular da UE no contexto da Eficácia da Ajuda”. - Evento de Alto Nível sobre a Eficácia da Cooperação Sul- Sul e Desenvolvimento de Capacidades - 31º Conferência Regional da FAO. - Fórum de Cooperação ao Desenvolvimento (ECOSOC) - Reunião do <i>Task Team on South-South Cooperation</i> - Evento de Alto Nível sobre os Objetivos do Milênio - Evento de Alto Nível sobre Cooperação Sul-Sul e Triangular

Fonte: Leite (2012) e SEGIB (2008; 2009; 2010), adaptado pelos autores.

Com essa intensificação visível das relações, o presente artigo tenta voltar ao argumento de Amsden (2004) na tentativa de verificar se o aumento das relações comerciais está levando as nações ao desenvolvimento. Para tal objetivo, pegaremos o caso mais próximo de nossa realidade: o Mercosul, e mais especificamente a relação do Brasil com os outros países do bloco. O artigo segue dividido em mais quatro partes: a metodologia, a segunda onde explanaremos as exportações e importações do Brasil com os países que estão atualmente dentro do bloco desde dez anos antes da criação do Mercosul, a seguinte explana os índices sociais do Gini, do IDH e do PIB dentro do mesmo período de tempo, para por fim tentar achar uma causalidade entre eles.

Metodologia

Primeiramente nos utilizaremos de uma análise descritiva das variáveis econômicas, constituídas pelos fluxos comerciais, tanto importação quanto exportação dos países componentes para com o Brasil, durante os anos 1983 a 2014. Para delimitação temporal, utilizaremos um teste t de análise de variáveis independentes e colocaremos o ano de assinatura do tratado, em 1991 – onde se tem a hipótese que não vai muita influência na variação entre o antes e o depois –; em 2006, devido à entrada da Bolívia no Mercosul – após os 15 anos de existência do grupo, alguns países poderiam possuir alguma variação –; e em 2012 com a entrada da Venezuela – período em que se espera

melhores resultados positivos, já que o tempo levaria a uma consolidação institucional e maior confiança dos atores –. Os dados comerciais foram retirados dos bancos de dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), da CEPAL – a partir do *Interactive Graphic System of International Economic Trends* –, e da ONU comtrade. Ainda com essas três fontes, não há disponibilidade de dados de 1981 até 1983. É importante frisar que os dados estão em escala de milhão de dólares.

A segunda parte será dedicada para análise descritiva de testes t de variáveis independentes dos indicadores sociais Gini, IDH e PIB através de uma compilação estatística angariada da Argentina, da Bolívia, do Brasil, do Paraguai, do Uruguai e da Venezuela antes e após a entrada desses países no Mercosul – a hipótese aqui é de que os índices dos países apresentaram melhoras depois da entrada deles no grupo regional.

Inicialmente, será comparado o índice de Gini dos países. Para medi-los, a igualdade entre a população é dada entre 0 e 1 – sabendo que 0 representa um país plenamente igualitário e 1 representa total desigualdade –.Em relação aos dados, foram exportados dados da Cepalstat, do World Data Bank e do IPEA data – esse último apenas para os dados referentes ao Brasil –, os dados são uma média dos valores fornecidos por esses bancos de dados ou os valores de apenas um desses bancos quando há ausência de informação no outro. Ainda assim, não foi possível conseguir todos os dados na série desejada de 1981 até 2014.

Em seguida, o IDH, também medido entre 0 e 1 – sabendo que 0 indica menor desenvolvimento humano e 1 pleno desenvolvimento –, os dados foram retirados do World Statistics, porém com grandes lacunas entre os períodos. E, por fim, o PIB em bilhões de dólares correntes dos países, cujos valores foram todos retirados do World DataBank.

É importante destacar que os testes inclusos no teste t possuem ponto de corte com p-valor de 0,05. Como será visto abaixo nas análises, nos deteremos nos dois testes: o de Levene e o de comparação de diferenças médias. O primeiro foca primeiramente na variância dos dados antes e depois do ano de corte. Caso a significância seja maior que o ponto de corte, podemos rejeitar a hipótese nula e considerar que há variâncias. Contudo, só veremos a variação média e sua real significância no segundo teste. No caso, os dados são mostrados de modo com que se interprete que em média a entrada do país levou a um impacto de certa magnitude e direção.

Fluxos comerciais antes e após Mercosul

Começaremos com uma comparação do fluxo comercial entre os anos antes e depois da criação do Mercosul. Os impactos da entrada dos outros dois países também serão levados em conta, o ano de 2006 marcando a entrada formal da Bolívia, e de 2012, da Venezuela. Frisando novamente que a escala de milhões está sendo levada em consideração.

Tabela 1 – Estatísticas gerais do comércio entre o Brasil e os membros do Mercosul antes e após a criação do grupo

Trade Flow	País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Exportação	Argentina	>= 1991	24	9394,72	6317,02
		< 1991	8	642,95	113,86
	Paraguai	>= 1991	24	1462,81	860,65
		< 1991	8	340,38	57,98
	Uruguai	>= 1991	24	1093,99	675,00
		< 1991	8	291,57	155,46
Importação	Argentina	>= 1991	24	8410,11	4699,87
		< 1991	8	792,49	403,61
	Paraguai	>= 1991	24	500,43	266,86
		< 1991	8	147,74	129,39
	Uruguai	>= 1991	24	928,40	499,98
		< 1991	8	305,73	192,88

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 2 – Teste de variáveis independentes do comércio entre o Brasil e os membros do Mercosul antes e após a criação do grupo

		Teste de Levene		Teste t						
		F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Argentina (EXP)	Variância igual assumida	25,893	0	3,876	30	0,001	8751,77	2258,19	4139,92	13363,61
	Variância igual não assumida			6,784	23,045	0	8751,77	1290,08	6083,31	11420,22
Paraguai (EXP)	Variância igual assumida	15,113	0,001	3,646	30	0,001	1122,43	307,86	493,7	1751,17
	Variância igual não assumida			6,346	23,616	0	1122,43	176,87	757,07	1487,79
Uruguai (EXP)	Variância igual assumida	8,473	0,007	3,299	30	0,003	802,43	243,22	305,69	1299,16
	Variância igual não assumida			5,409	28,529	0	802,43	148,34	498,82	1106,04
Argentina (IMP)	Variância igual assumida	14,865	0,001	4,529	30	0	7617,61	1681,9	4182,72	11052,51

	Variância igual não assumida			7,854	23,99	0	7617,61	969,91	5615,77	9619,45
Paraguai (IMP)	Variância igual assumida	2,87	0,101	3,572	30	0,001	352,69	98,75	151,03	554,36
	Variância igual não assumida			4,958	25,389	0	352,69	71,13	206,31	499,08
Uruguai (IMP)	Variância igual assumida	6,96	0,013	3,408	30	0,002	622,66	182,73	249,49	995,84
	Variância igual não assumida			5,073	29,078	0	622,66	122,74	371,65	873,67

Fonte: Elaboração dos autores.

O teste t comparando os dados antes e depois a criação legal do Mercosul em 1991 acima representados exclui a Bolívia e a Venezuela, visto que não eram membros do grupo. A exportação mostra grandes avanços, sendo o maior crescimento o da Argentina, com uma média de aproximadamente US\$ 643 milhões antes do Mercosul, aumentando para um fluxo de US\$ 9,4 bilhões após o grupo, ou seja, um aumento de aproximadamente US\$ 8,7 bilhões, e o menor crescimento foi o do Uruguai com US\$ 799 milhões de diferença entre os valores antes e após 1991. A importação brasileira apresenta caracteres similares de expansão, sendo a Argentina novamente a com o maior crescimento de US\$ 7,6 bilhões, e o Paraguai com o menor crescimento de US\$ 353 milhões de diferença.

Quanto às comparações em si, vemos primeiramente que os dados, apesar de terem uma variação alta, não possuem diferenças estatisticamente significativas, como podemos ver a partir do teste de Levene para igualdade de variâncias, exceto para os Paraguai e Uruguai. Devido ao nível de significância estar abaixo do ponto de corte, não rejeitamos a hipótese nula e confirmamos que no início do Mercosul não houve mudança substancial, o que é previsível, já que o impacto não ocorre de maneira instantânea no seu conceito econômico. Relações tendem a gerar frutos tempos depois.

Tabela 3 – Estatísticas gerais do comércio entre o Brasil e os membros do Mercosul antes e após a entrada da Bolívia

Trade Flow	País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Exportação	Argentina	>= 2006	9	16620,95	3554,38
		< 2006	23	3522,96	2752,09
	Bolívia	>= 2006	9	1202,14	339,27
		< 2006	23	378,84	168,51
	Paraguai	>= 2006	9	2374,50	690,69
		< 2006	23	715,65	369,41

	Uruguai	>= 2006	9	1800,19	597,25
		< 2006	23	538,55	248,79
Importação	Argentina	>= 2006	9	13487,08	3051,81
		< 2006	23	3773,86	2800,46
	Bolívia	>= 2006	9	2648,75	964,09
		< 2006	23	148,59	261,60
	Paraguai	>= 2006	9	726,38	297,74
		< 2006	23	289,34	159,09
	Uruguai	>= 2006	9	1388,12	486,24
		< 2006	23	531,93	278,21

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 4 – Teste de variáveis independentes do comércio entre o Brasil e os membros do Mercosul antes e após a entrada da Bolívia

	Teste de Levene		Teste t						
	F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference	
								Lower	Upper
Argentina (EXP)	1,149	0,292	11,152	30	0,000	13097,99	1174,50	10699,35	15496,63
			9,949	11,955	0,000	13097,99	1316,45	10228,48	15967,50
Bolívia (EXP)	14,146	0,001	9,225	30	0,000	823,30	89,24	641,04	1005,56
			6,952	9,587	0,000	823,30	118,42	557,88	1088,71
Paraguai (EXP)	7,616	0,010	8,850	30	0,000	1658,85	187,45	1276,04	2041,66
			6,833	9,846	0,000	1658,85	242,77	1116,77	2200,93
Uruguai (EXP)	13,374	0,001	8,560	30	0,000	1261,64	147,38	960,64	1562,63

	Variância igual não assumida			6,132	9,108	0,000	1261,64	205,73	797,08	1726,19
Argentina (IMP)	Variância igual assumida	0,019	0,891	8,609	30	0,000	9713,22	1128,28	7408,97	12017,48
	Variância igual não assumida			8,281	13,604	0,000	9713,22	1172,95	7190,59	12235,85
Bolívia (IMP)	Variância igual assumida	35,030	0,000	11,648	30	0,000	2500,16	214,65	2061,79	2938,53
	Variância igual não assumida			7,670	8,465	0,000	2500,16	325,96	1755,63	3244,69
Paraguai (IMP)	Variância igual assumida	5,752	0,023	5,411	30	0,000	437,03	80,77	272,08	601,98
	Variância igual não assumida			4,176	9,843	0,002	437,03	104,64	203,36	670,70
Uruguai (IMP)	Variância igual assumida	8,610	0,006	6,291	30	0,000	856,19	136,09	578,26	1134,13
	Variância igual não assumida			4,974	10,120	0,001	856,19	172,15	473,24	1239,14

Fonte: Elaboração dos autores.

Após a entrada da Bolívia no grupo, é possível de observar um aumento da clivagem das médias, mas isso devido à existência do grupo há 15 anos. Na Tabela 3, inicialmente na parte das Exportações, é possível observar que a Argentina lidera com uma diferença de 13,1 bilhões de dólares entre as médias, e a Bolívia tem o menor crescimento, de apenas US\$ 822 milhões. Ao que concerne à Importação ainda na Tabela 3, a Argentina continua a liderar nos valores estudados, com US\$ 9,7 bilhões de diferença entre as suas médias, e o Paraguai tem a menor diferença de médias com apenas US\$ 437 milhões.

Na Tabela 4 passamos para o teste de Levene e para o teste t, podemos observar que somente a Argentina possui todas as diferenças significativas. Enquanto suas

exportações variam pouco mais de US\$13 bilhões anualmente em relação ao ponto de corte, as importações chegam ao patamar de US\$ 9,7 bilhões.

Tabela 5 – Estatísticas gerais do comércio entre o Brasil e os membros do Mercosul antes e após a entrada da Venezuela

Trade Flow	País	Ano	N	Média	Desvio Padrão	
Exportação	Argentina	>= 2012	3	17298,37	2734,62	
		< 2012	29	6162,81	6051,49	
	Bolívia	>= 2012	3	1539,88	69,86	
		< 2012	29	514,24	330,61	
	Paraguai	>= 2012	3	2935,90	292,80	
		< 2012	29	1000,79	713,81	
	Uruguai	>= 2012	3	2401,02	474,90	
		< 2012	29	737,43	483,16	
	Venezuela	>= 2012	3	4846,00	211,97	
		< 2012	29	1366,11	1575,60	
	Importação	Argentina	>= 2012	3	15683,37	1333,96
			< 2012	29	5556,29	4531,48
Bolívia		>= 2012	3	3728,37	264,55	
		< 2012	29	554,18	883,24	
Paraguai		>= 2012	3	1079,15	116,41	
		< 2012	29	343,27	189,18	
Uruguai		>= 2012	3	1834,79	76,98	
		< 2012	29	662,86	404,90	
Venezuela		>= 2012	3	1117,22	104,34	
		< 2012	29	591,95	347,09	

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 6 – Teste de variáveis independentes do comércio entre o Brasil e os membros do Mercosul antes e após a entrada da Venezuela

	Teste de Levene		Teste t							
	F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
Argentina (EXP)	Variância igual assumida	1,355	0,254	3,118	30	0,004	11135,56	3571,42	3841,75	18429,37
	Variância igual não assumida			5,746	4,458	0,003	11135,56	1937,91	5966,17	16304,95

Bolívia (EXP)	Variância igual assumida	2,598	0,117	5,286	30	0,000	1025,64	194,02	629,4	1421,88
	Variância igual não assumida			13,962	15,903	0,000	1025,64	73,46	869,84	1181,44
Paraguai (EXP)	Variância igual assumida	1,57	0,22	4,599	30	0,000	1935,11	420,74	1075,85	2794,38
	Variância igual não assumida			9,008	5,078	0,000	1935,11	214,82	1385,46	2484,77
Uruguai (EXP)	Variância igual assumida	0,002	0,968	5,684	30	0,000	1663,6	292,7	1065,83	2261,36
	Variância igual não assumida			5,767	2,449	0,018	1663,6	288,49	616,88	2710,31
Venezuela (EXP)	Variância igual assumida	4,294	0,047	3,767	30	0,001	3479,89	923,76	1593,32	5366,46
	Variância igual não assumida			10,973	27,059	0,000	3479,89	317,14	2829,23	4130,55
Argentina (IMP)	Variância igual assumida	2,577	0,119	3,803	30	0,001	10127,09	2663,26	4687,98	15566,19
	Variância igual não assumida			8,878	8,736	0,000	10127,09	1140,71	7534,68	12719,49
Bolívia (IMP)	Variância igual assumida	2,327	0,138	6,114	30	0,000	3174,2	519,16	2113,93	4234,46
	Variância igual não assumida			14,163	8,467	0,000	3174,2	224,12	2662,3	3686,1
Paraguai (IMP)	Variância igual assumida	0,824	0,371	6,551	30	0,000	735,88	112,33	506,46	965,3
	Variância igual não assumida			9,704	3,225	0,002	735,88	75,84	503,79	967,97

Uruguai (IMP)	Variância igual assumida	2,9	0,099	4,934	30	0,000	1171,93	237,54	686,81	1657,05
	Variância igual não assumida			13,418	18,819	0,000	1171,93	87,34	989,01	1354,86
Venezuela (IMP)	Variância igual assumida	2,799	0,105	2,575	30	0,015	525,26	204,02	108,6	941,93
	Variância igual não assumida			5,954	8,412	0,000	525,26	88,22	323,54	726,99

Fonte: Elaboração dos autores.

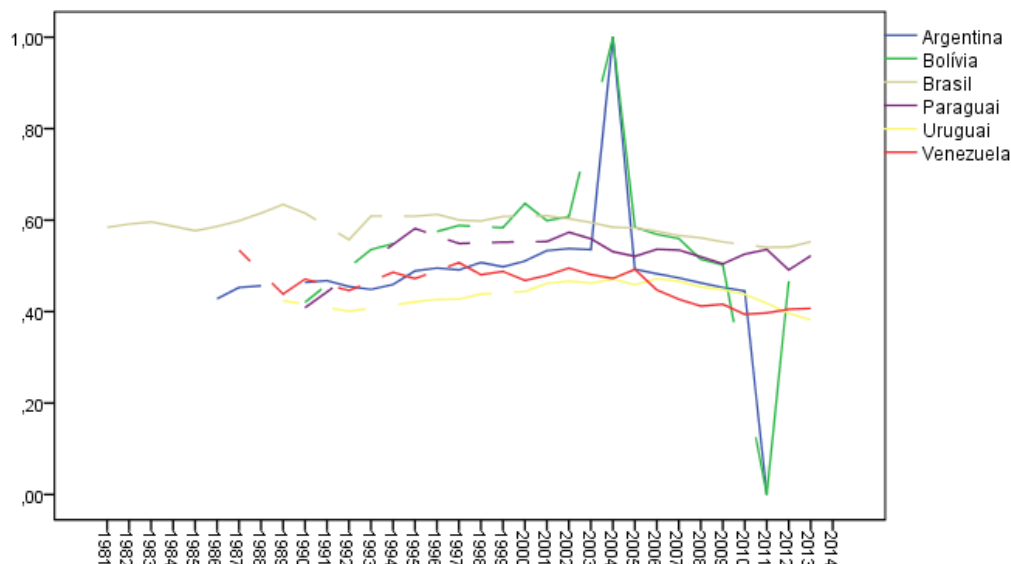
E, finalmente, após a entrada da Venezuela no grupo é possível de se observar que o número de casos posterior ao ano de 2012 é pequeno e, ainda assim, a diferença de médias é expressiva em alguns casos. Observando a Tabela 5, inicialmente focando as Exportações, é notável que a Argentina tem uma maior diferença de médias com US\$ 11,1 bilhões, em contraste com o menor crescimento de US\$ 1,6 bilhões do Uruguai. Quanto às Importações, a diferença da participação dos países nas importações brasileiras após a entrada da Venezuela é ainda mais perceptível. A Argentina continua com o maior crescimento, de US\$ 10,1 bilhões, em contraste com a Venezuela que teve um crescimento de US\$ 509 milhões.

E, passando para o teste de Levene e para o teste t na Tabela 6, diferentemente das outras análises, praticamente todas as análises mostraram que houve variâncias anuais diferentes entre esse processo. Na Exportação, os países que teve a maior diferença anual foi a Argentina (US\$ 11,1 bilhões), em contraposição à Bolívia (US\$ 1 bilhão). Já na Importação, o Paraguai (US\$ 3,4 bilhões) foi a única contradição (p-valor = 0,047), porém com muita proximidade do ponto de corte. Argentina (US\$ 10,1 bilhões), Bolívia (US\$ 3,1 bilhões), Uruguai (US\$ 1,1 bilhão) e até a mais recente integrante Venezuela (US\$ 525 milhões) tiveram mudanças positivas.

Índices sociais

Começaremos com o índice de Gini.

Gráfico 2 – Gini nos países do Mercosul



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do Cepalstat, do World Data Bank e do IPEA data.

Abaixo, temos o teste t de variáveis independentes comparando as médias do índice de Gini na Argentina, no Brasil, no Paraguai e no Uruguai antes e depois da entrada deles no Mercosul em 1991.

Tabela 7 – Estatísticas gerais do Gini da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 1991	21	0,487	0,161
	< 1991	2	0,440	0,018
Brasil	>= 1991	19	0,582	0,025
	< 1991	10	0,598	0,018
Paraguai	>= 1991	16	0,537	0,024
	< 1991	1	0,408	.
Uruguai	>= 1991	19	0,440	0,027
	< 1991	1	0,424	.

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 8 – Teste de variáveis independentes do Gini da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai

	Teste de Levene		Teste t						
	F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference	
								Lower	Upper
Variância Argentina igual assumida	0,299	0,59	0,406	21	0,689	0,047	0,116	-0,194	0,288

	Variância igual não assumida			1,267	19,24	0,22	0,047	0,037	-0,031	0,125
Brasil	Variância igual assumida	3,588	0,069	-1,834	27	0,078	-0,016	0,009	-0,035	0,002
	Variância igual não assumida			-2,041	24,38	0,052	-0,016	0,008	-0,033	0,000
Paraguai	Variância igual assumida	.	.	5,213	15	0	0,128	0,025	0,076	0,181
	Variância igual não assumida			.	.	.	0,128	.	.	.
Uruguai	Variância igual assumida	.	.	0,576	18	0,572	0,016	0,028	-0,042	0,074
	Variância igual não assumida			.	.	.	0,016	.	.	.

Fonte: Elaboração dos autores.

Enquanto antes da entrada da Argentina no Mercosul a média do índice é 0,44, vemos um pequeno aumento de cinco centésimos (0,49). Diferente do que se é intuído, percebe-se que o índice de Gini no país não teve mudança relevante estatisticamente (p-valor = 0,590). Contudo, a diferença média entre os anos é contra intuitivo, já que se vê um aumento, por mais que não necessariamente relevante de 0,04 unidades de Gini, levando a uma ligeira consideração de menor desigualdade.

No Brasil chegamos a um impasse estatístico, mas que pode ser facilmente sanado. Primeiramente, observa-se que o N nesse caso não está tendo grande influência, já que a quantidade de dados é mais completa. Antes da entrada vê-se uma média de Gini de aproximadamente 0,60, enquanto após, 0,58, observando-se então uma pequena melhora. Além disso, o desvio padrão é de pequena magnitude, confirmando que a variância, por mais que significativa (0,069) a 0,10, a sua diferença média é muito pequena (0,01) para ser levada em conta. A importância da interpretação estatística então aqui se leva de grande importância, já que somente o p-valor não indica explicabilidade de magnitude *per se*. (FILHO et al, 2011)

Quanto ao Uruguai e ao Paraguai, devido a existência de apenas um caso antes da criação e da entrada deles no Mercosul, a análise de médias pelo teste t foi impossibilitada.

Como se pode perceber a partir dos dados da Tabela 9, após a entrada da Bolívia todos os países possuem diminuições no índice, sendo o maior decréscimo o da Bolívia (-0,182) e o menor decréscimo do Uruguai (-0,007).

Tabela 9 – Estatísticas gerais do Gini após a entrada da Bolívia

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 2006	6	0,386	0,190
	< 2006	17	0,518	0,128
Bolívia	>= 2006	6	0,435	0,217
	< 2006	9	0,617	0,156
Brasil	>= 2006	7	0,556	0,013
	< 2006	22	0,598	0,016
Paraguai	>= 2006	8	0,521	0,016
	< 2006	9	0,536	0,052
Uruguai	>= 2006	8	0,434	0,033
	< 2006	12	0,442	0,022

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 10 – Teste de variáveis independentes do Gini após a entrada da Bolívia

		Teste de Levene		Teste t						
		F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Argentina	Variância igual assumida	1,452	0,242	-1,907	21,000	0,070	-0,131	0,069	-0,275	0,011
	Variância igual não assumida			-1,577	6,694	0,161	-0,131	0,083	-0,330	0,067
Bolívia	Variância igual assumida	0,627	0,443	-1,898	13,000	0,080	-0,182	0,095	-0,389	0,025
	Variância igual não assumida			-1,773	8,444	0,112	-0,182	0,102	-0,416	0,052
Brasil	Variância igual assumida	0,300	0,588	-6,177	27,000	0,000	-0,042	0,006	-0,056	-0,028

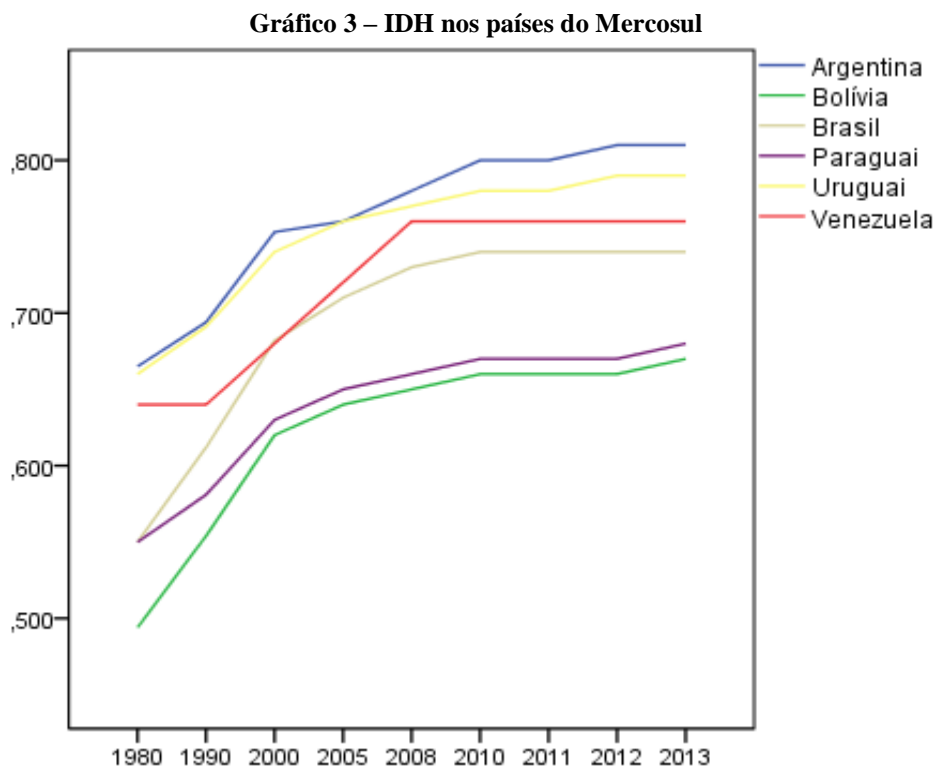
								Lower	Upper
Bolívia	Variância igual assumida	5	-	13	0,699	-0,083	0,211	-0,54	0,373
	Variância igual não assumida		0,395			-0,083			
Brasil	Variância igual assumida	1,495	0,232	27	0,01	-0,043	0,015	-0,076	-0,011
	Variância igual não assumida			2,243	0,02	-0,043	0,007	-0,071	-0,015
Paraguai	Variância igual assumida	0,162	0,693	15	0,394	-0,025	0,029	-0,088	0,036
	Variância igual não assumida			2,062	0,297	-0,025	0,018	-0,103	0,051
Uruguai	Variância igual assumida	2,106	0,164	18	0,002	-0,055	0,015	-0,087	-0,022
	Variância igual não assumida			2,222	0,018	-0,055	0,008	-0,089	-0,021
Venezuela	Variância igual assumida	4,064	0,057	21	0,049	-0,056	0,026	-0,112	0
	Variância igual não assumida			20,519	0	-0,056	0,008	-0,073	-0,039

Fonte: Elaboração dos autores.

Com os dados após a entrada da Venezuela, todos os países possuem novamente diminuições no índice, sendo que não há casos após o ano de corte para a Argentina e apenas um caso após para a Bolívia, podendo levar a falhas no estudo. Antes do ponto, o Brasil possuía a maior média (0,59), em detrimento do Uruguai (0,44). No outro tempo esses continuam com a mesma colocação, com 0,54 e 0,38 respectivamente.

Entre os países que temos informações todas as variações são significativas. A maior diminuição do Gini ocorreu na Bolívia (-0,084), seguida pela Venezuela com o decréscimo de -0,056, em contraste com a menor diminuição ocorrendo no Paraguai (-0,026).

Terminada então a parte do índice de Gini, seguimos para a análise do IDH. Abaixo segue um gráfico com o IDH de cada país nos anos disponíveis.



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do World Statistics.

A Argentina e o Uruguai têm as quantidades mais altas, indicando mais igualdade e contrastando com a Bolívia e o Paraguai. Na classificação da ONU todos estão com um alto índice de desenvolvimento humano.

Então, novamente iremos fazer a comparação de médias a partir do teste t usando como ano de corte a entrada do país no Mercosul. Primeiramente, os países que entraram em 1991: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Como é possível observar na Tabela 13, o maior aumento do IDH ocorreu no Brasil de (0,14), os outros três países tiveram aumentos semelhantes de (0,10).

Quanto ao Teste de Levene e ao teste t, como é possível de observar na Tabela 14, todas as variáveis possuem variâncias significantes baseado no ponto de corte. Em média, a Argentina tem uma diferença de 0,1 unidade. Similarmente o Brasil (0,14), Paraguai (0,09) e Uruguai (0,09) são afetados também.

Tabela 13 – Estatísticas gerais do IDH da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 1991	7	0,787	0,024
	< 1991	2	0,680	0,014
Brasil	>= 1991	7	0,726	0,023
	< 1991	2	0,580	0,042
Paraguai	>= 1991	7	0,661	0,017

	< 1991	2	0,565	0,021
Uruguai	>= 1991	7	0,773	0,018
	< 1991	2	0,675	0,021

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 14 – Teste de variáveis independentes do IDH da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai

	Teste de Levene		Teste t							
	F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
Argentina	Variância igual assumida	1,88	0,213	5,779	7	0,001	0,107	0,019	0,063	0,151
	Variância igual não assumida			7,891	3,038	0,004	0,107	0,014	0,064	0,150
Brasil	Variância igual assumida	1,662	0,238	6,82	7	0	0,146	0,021	0,095	0,196
	Variância igual não assumida			4,665	1,173	0,107	0,146	0,031	-0,136	0,428
Paraguai	Variância igual assumida	0,106	0,754	6,885	7	0	0,096	0,014	0,063	0,130
	Variância igual não assumida			5,922	1,381	0,06	0,096	0,016	-0,014	0,207
Uruguai	Variância igual assumida	0,023	0,884	6,601	7	0	0,098	0,015	0,063	0,133
	Variância igual não assumida			5,942	1,443	0,055	0,098	0,016	-0,007	0,203

Fonte: Elaboração dos autores.

Na Tabela 15 é possível observar que após a entrada da Bolívia, o aumento do IDH nos países foi similar ao visto anteriormente, sendo o maior aumento do Brasil de (0,10) e o menor aumento do Paraguai e do Uruguai de (0,07).

Na Tabela 16 com a análise de teste t e as comparações de média da Bolívia que entrou para o Mercosul em 2006 podemos perceber a não significância de nenhuma das variações, nos mostrando que nesse corte não houve mudança substancial

Tabela 15 – Estatísticas gerais do IDH após a entrada da Bolívia

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 2006	5	0,800	0,012
	< 2006	4	0,718	0,044
Bolívia	>= 2006	5	0,660	0,007
	< 2006	4	0,575	0,069
Brasil	>= 2006	5	0,738	0,004
	< 2006	4	0,638	0,072
Paraguai	>= 2006	5	0,670	0,007
	< 2006	4	0,603	0,046
Uruguai	>= 2006	5	0,782	0,008
	< 2006	4	0,713	0,046

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 16 – Teste de variáveis independentes do IDH após a entrada da Bolívia

		Teste de Levene		Teste t						
		F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Argentina	Variância igual assumida	25,542	0,001	4,044	7	0,005	0,083	0,020	0,034	0,131
	Variância igual não assumida			3,619	3,369	0,03	0,083	0,023	0,014	0,151
Bolívia	Variância igual assumida	19,085	0,003	2,803	7	0,026	0,085	0,030	0,013	0,157
	Variância igual não assumida			2,469	3,051	0,089	0,085	0,034	-0,024	0,194
Brasil	Variância igual assumida	20,127	0,003	3,178	7	0,016	0,101	0,032	0,026	0,175
	Variância igual não assumida			2,794	3,019	0,068	0,101	0,036	-0,014	0,215

Paraguai	Variância igual assumida	22,672	0,002	3,308	7	0,013	0,068	0,020	0,019	0,116
	Variância igual não assumida			2,924	3,115	0,059	0,068	0,023	-0,004	0,139
Uruguai	Variância igual assumida	20,747	0,003	3,386	7	0,012	0,070	0,021	0,021	0,118
	Variância igual não assumida			2,999	3,161	0,054	0,070	0,023	-0,002	0,141

Fonte: Elaboração dos autores.

E, por fim, observando todos os países após a entrada da Venezuela, último país a entrar no Mercosul em 2012, abaixo seguem as tabelas comparando as médias do IDH e o teste t de variáveis independentes. Todos os países possuem aumentos no índice. Na Tabela 17 é possível observar que o maior crescimento de (0,14) foi da Argentina e o menor crescimento de médias (0,04) foi do Paraguai. No teste de variáveis independentes do IDH após a entrada da Venezuela (0,018), apenas esse país não teve significância de diferenças entre o antes e depois, o que é previsível devido ao ponto de corte. Argentina e Brasil empataram com as maiores diferenças (0,06), ao contrário do Paraguai, que teve a menor diferença (0,045).

Tabela 17 – Estatísticas gerais do IDH após a entrada da Venezuela

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 2012	2	0,810	0,000
	< 2012	7	0,750	0,052
Bolívia	>= 2012	2	0,665	0,007
	< 2012	7	0,610	0,065
Brasil	>= 2012	2	0,740	0,000
	< 2012	7	0,680	0,073
Paraguai	>= 2012	2	0,675	0,007
	< 2012	7	0,630	0,047
Uruguai	>= 2012	2	0,790	0,000
	< 2012	7	0,740	0,047
Venezuela	>= 2012	2	0,760	0,000
	< 2012	7	0,709	0,055

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 18 – Teste de variáveis independentes do IDH após a entrada da Venezuela

	Teste de Levene	Teste t

	F	Sig.	T	Df	Sig. (2- tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
								Argentina	Variância igual assumida	3,63
	Variância igual não assumida			3,074	6	0,022	0,060	0,020	0,012	0,108
Bolívia	Variância igual assumida	3,313	0,112	1,133	7	0,294	0,055	0,049	-0,060	0,170
	Variância igual não assumida			2,183	6,437	0,069	0,055	0,025	-0,006	0,116
Brasil	Variância igual assumida	3,726	0,095	1,1	7	0,308	0,060	0,055	-0,069	0,189
	Variância igual não assumida			2,16	6	0,074	0,060	0,028	-0,008	0,128
Paraguai	Variância igual assumida	3,006	0,127	1,28	7	0,241	0,045	0,035	-0,038	0,128
	Variância igual não assumida			2,426	6,729	0,047	0,045	0,019	0,001	0,089
Uruguai	Variância igual assumida	4,014	0,085	1,425	7	0,197	0,050	0,035	-0,033	0,133
	Variância igual não assumida			2,799	6	0,031	0,050	0,018	0,006	0,094
Venezuela	Variância igual assumida	9,412	0,018	1,255	7	0,25	0,051	0,041	-0,045	0,148
	Variância igual não assumida			2,465	6	0,049	0,051	0,021	0,000	0,102

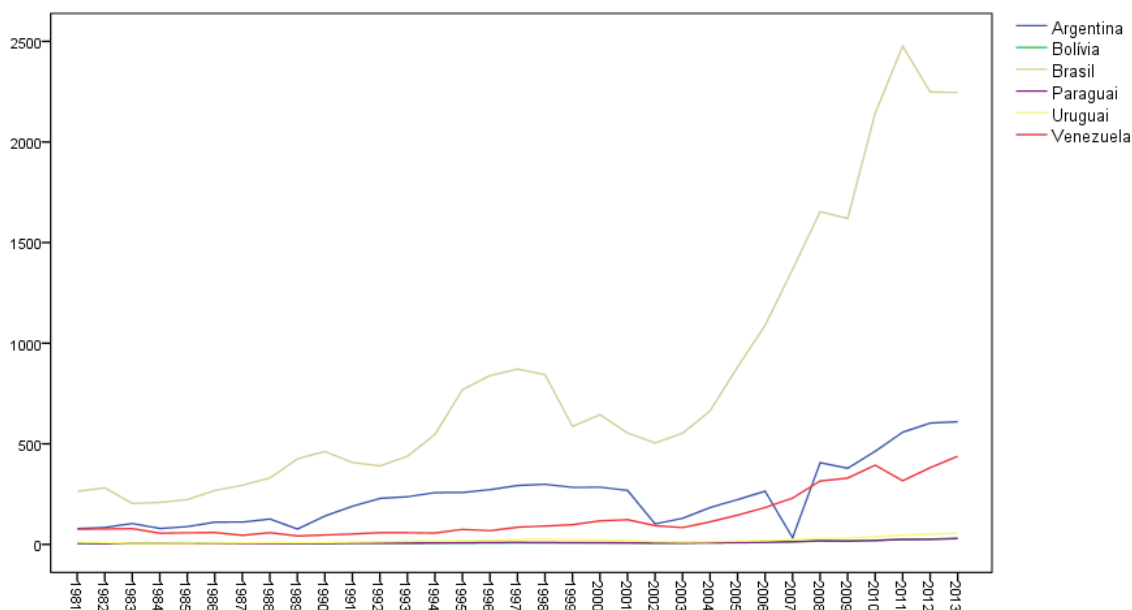
Fonte: Elaboração dos autores.

Devido a grande lacuna de dados do IDH, decidimos também analisar o PIB para dar mais base às nossas conclusões. Apesar de Bagolin e Comim (2008) terem bem

explicitado que o IDH foi um índice criado pela ONU para substituir o PIB e o PNB tendo a vantagem de ser um índice multidimensional, os autores admitem que ele pode não ser perfeito ao citar Anand e Sem (1994) que o IDH se preocupa com básicas capacidades das pessoas, na visão desses autores, “há uma deficiência em capturar as diferenças entre países industrializados e avançados” (Bagolin e Comim, 2008: 9). E, como é perceptível a falta de dados para a análise do IDH, resolvemos analisar também o PIB e comparar suas médias.

Então, seguindo para a análise do PIB, abaixo segue o gráfico com o PIB de cada país medido em bilhões de dólares a preços correntes ao longo dos anos.

Gráfico 4 – PIB dos países do MERCOSUL em milhões de dólares (US\$) (1981-2013)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do World DataBank.

Então, novamente iremos fazer a comparação de médias a partir do teste t usando como ano de corte a entrada do país no Mercosul. Primeiramente, os países que entraram em 1991: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Tabela 19 – Estatísticas gerais do PIB da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 1991	23	296,71	148,55
	< 1991	10	100,07	22,29
Brasil	>= 1991	23	1058,15	671,10
	< 1991	10	296,07	87,59
Paraguai	>= 1991	23	12,12	6,73
	< 1991	10	4,42	0,89
Uruguai	>= 1991	23	24,60	12,42
	< 1991	10	7,41	2,19

Fonte: Elaboração dos autores.

Em relação aos dados apresentados acima, podemos perceber que depois da entrada dos países houve um considerável aumento em todos os países. O maior aumento do PIB foi de US\$ 762 milhões no Brasil, contrastando com o aumento mínimo no Paraguai de apenas US\$ 8 milhões.

Tabela 20 – Teste de variáveis independentes do PIB da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai

	Teste de Levene		Teste t							
	F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
Argentina	Variância igual assumida	7,843	0,009	4,129	31,000	0,000	196,641	47,619	99,521	293,761
	Variância igual não assumida			6,190	24,180	0,000	196,641	31,766	131,104	262,178
Brasil	Variância igual assumida	18,054	0,000	3,546	31,000	0,001	762,085	214,890	323,814	1200,356
	Variância igual não assumida			5,342	23,669	0,000	762,085	142,648	467,456	1056,715
Paraguai	Variância igual assumida	14,411	0,001	3,575	31,000	0,001	7,699	2,153	3,307	12,092
	Variância igual não assumida			5,384	23,709	0,000	7,699	1,430	4,746	10,653
Uruguai	Variância igual assumida	8,072	0,008	4,308	31,000	0,000	17,188	3,989	9,051	25,325
	Variância igual não assumida			6,410	24,936	0,000	17,188	2,681	11,664	22,711

Fonte: Elaboração dos autores.

Quando chegamos ao teste t per se podemos perceber primeiramente que todos os dados foram estatisticamente significativos, já que todos variaram de 0,000 a 0,009. Ou seja, os dados possuem variância. Na Argentina, a partir da hora da sua entrada fez com que houvesse um aumento de aproximadamente US\$ 196 bilhões. O Brasil tem ainda uma maior magnitude, de incremento médio anual de 762 bilhões de dólares. O Paraguai teve um aumento proporcional ao seu PIB, de aproximadamente 7,7 bilhões de dólares.

Finalmente o Uruguai, com pouco mais de 17 bilhões em média por ano a mais que os anos sem o Mercado Comum do Sul, concluindo então a análise para com os países membros.

Após a entrada da Bolívia em 2006, percebe-se o que o Estado com maior crescimento de média foi o Brasil (US\$ 1,3 bilhão), em detrimento do Paraguai e da Bolívia que tiveram o menor crescimento de apenas US\$ 13 milhões. Contudo, como podemos ver na segunda tabela, nenhuma das diferenças médias é significativa.

Tabela 21 – Estatísticas gerais do PIB após a entrada da Bolívia

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 2006	8	414,424	194,950
	< 2006	25	180,380	82,013
Bolívia	>= 2006	8	19,973	6,720
	< 2006	25	6,527	1,614
Brasil	>= 2006	8	1855,451	492,532
	< 2006	25	498,178	220,047
Paraguai	>= 2006	8	19,699	6,235
	< 2006	25	6,602	2,086
Uruguai	>= 2006	8	36,951	13,105
	< 2006	25	13,764	6,576

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 22 – Teste de variáveis independentes do PIB após a entrada da Bolívia

	Teste de Levene		Teste t							
	F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
Argentina	Variância igual assumida	7,368	0,011	4,907	31,000	0,000	234,043	47,699	136,760	331,326
	Variância igual não assumida			3,303	7,808	0,011	234,043	70,849	69,961	398,125
Bolívia	Variância igual assumida	31,995	0,000	9,472	31,000	0,000	13,445	1,419	10,550	16,340
	Variância igual não assumida			5,608	7,260	0,001	13,445	2,397	7,816	19,073

Brasil	Variância igual assumida	18,247	0,000	11,000	31,000	0,000	1357,272	123,384	1105,628	1608,917
	Variância igual não assumida			7,557	7,913	0,000	1357,272	179,611	942,296	1772,248
Paraguai	Variância igual assumida	19,473	0,000	9,251	31,000	0,000	13,097	1,415	10,209	15,984
	Variância igual não assumida			5,838	7,508	0,000	13,097	2,243	7,864	18,330
Uruguai	Variância igual assumida	11,069	0,002	6,715	31,000	0,000	23,186	3,452	16,144	30,229
	Variância igual não assumida			4,814	8,158	0,001	23,186	4,816	12,117	34,256

Fonte: Elaboração dos autores.

E, finalmente, após a entrada da Venezuela em 2012, podemos a maior variação presente no Brasil, com pouco mais de US\$ 1,5 bilhão e a menor é o Paraguai com aproximadamente US\$ 18 milhões. No teste t vemos a variância ser significativa em todos os casos com variação média no Brasil (US\$1,5 bi) como a maior e a Bolívia com a menor (US\$ 20 milhões)

Tabela 23 – Estatísticas gerais do PIB após a entrada da Venezuela

País	Ano	N	Média	Desvio Padrão
Argentina	>= 2012	2	606,515	4,759
	< 2012	31	213,286	125,021
Bolívia	>= 2012	2	28,815	2,524
	< 2012	31	8,559	4,820
Brasil	>= 2012	2	2247,225	2,199
	< 2012	31	735,601	569,560
Paraguai	>= 2012	2	26,810	3,111
	< 2012	31	8,678	5,128
Uruguai	>= 2012	2	52,850	4,031
	< 2012	31	17,227	10,162
Venezuela	>= 2012	2	409,780	40,305
	< 2012	31	118,812	95,941

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 24 – Teste de variáveis independentes do PIB após a entrada da Venezuela

		Teste de Levene		Teste t						
		F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Diferença a média	Diferença do desvio padrão	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Argentina	Variância igual assumida	3,573	0,068	4,382	31,000	0,000	393,228	89,729	210,225	576,232
	Variância igual não assumida			17,319	30,895	0,000	393,228	22,705	346,915	439,542
Bolívia	Variância igual assumida	0,412	0,526	5,829	31,000	0,000	20,255	3,475	13,168	27,343
	Variância igual não assumida			10,210	1,523	0,022	20,255	1,983	8,568	31,943
Brasil	Variância igual assumida	2,315	0,138	3,698	31,000	0,001	1511,624	408,771	677,929	2345,318
	Variância igual não assumida			14,775	30,014	0,000	1511,624	102,307	1302,688	1720,560
Paraguai	Variância igual assumida	0,268	0,608	4,897	31,000	0,000	18,132	3,702	10,580	25,683
	Variância igual não assumida			7,603	1,380	0,043	18,132	2,384	1,893	34,370
Uruguai	Variância igual assumida	1,327	0,258	4,872	31,000	0,000	35,623	7,312	20,710	50,536
	Variância igual não assumida			10,526	1,977	0,009	35,623	3,384	20,901	50,346

Venezuela	Variância igual assumida	0,816	0,373	4,213	31,000	0,000	290,968	69,058	150,121	431,814
	Variância igual não assumida			8,737	1,856	0,016	290,968	33,304	136,514	445,421

Fonte: Elaboração dos autores.

Dados e resultados

Como pudemos verificar, nossas hipóteses acerca do processo de maturação são decerto importantes para a percepção do impacto. Isso foi verificado principalmente quando os anos de entrada estabelecidos como ponto de corte foram aplicados. Enquanto todos aqueles na sua entrada não viam mudanças substanciais nos indicadores econômicos no seu início, a partir dos anos vemos mudanças substanciais e significativamente estatísticas. Isso pode justificar que pode haver de fato um impacto real nos aspectos econômicos.

Os dados nos mostraram resultados e conclusões interessantes: quanto ao aspecto econômico, as relações comerciais não possuem impacto no curto prazo, enquanto que no médio os dados só se mostraram eficazes em países com maiores relações. No longo prazo é que pudemos ver uma maior variação não só daqueles que estavam desde o começo do processo, mas também para os que entraram legitimamente há pouco tempo, nos mostrando que a eficácia institucional leva ao avanço econômico, e não o oposto. Esses fatos confirmaram, então, nossa hipótese.

Sobre as questões sociais, vemos divergências entre os dados e conseqüentemente nossas hipóteses. No Gini os dados foram significantes desde 1991 – por mais que nós não possuamos os dados de todos os países da amostra, o que mostra ser uma limitação. Além do que foi previsto, em 2006 os dados foram significativos, assim como em 2012. O IDH possuiu flutuações já que em 2006 os dados não mostraram nenhuma variância estatisticamente significativa. O PIB, assim como as análises comerciais, teve só relevância em 2012.

Por fim, a existência do Mercosul é de fato pertinente, não só para os avanços, como na questão das relações comerciais, como também crises, em que há uma possibilidade de estabilidade extremamente necessária para os países. Esse efeito não só leva em conta o lado econômico, mas também o social, ponto importante tanto para o nosso trabalho quanto para a realidade dos Estados. Esperamos que esse projeto, por mais que tenha suas limitações, como a questão temporal e de dados indisponíveis, que podem ser futuramente sanados, sirva de arauto para os pesquisadores sobre o assunto.

Referências

AMSDEN, Alice H. (2004). **A ascensão do “resto”**: os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia. São Paulo: Editora da UNESP.

BRASIL. Congresso Nacional, Comissão Parlamentar Conjunta do MERCOSUL. **MERCOSUL**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/mercosul/Outros/Historico.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

BAGOLIN, Izete Pengo; COMIM, Flavio V. Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e sua família de índices: uma revisão crítica em evolução. **Revista de Economia**, v. 34, n. 2, 2008.

CANDEAS, Alessandro Warley. Relações Brasil-Argentina: uma análise dos avanços e recuos. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 48, n. 1, p. 178-213, jun. 2005.

CARVALHO, Alexandre; PARENTE, Andreia. Impactos Comerciais da Área de Livre Comércio das Américas. **IPEA**. Brasília, 1999

CERVO, Amado; BUENO, Clodoaldo (1992). **História da política exterior do Brasil**. São Paulo: Ática.

FILHO, Dalson *et at.* O que Fazer e o que Não Fazer com a Regressão: pressupostos e aplicações do modelo linear de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). **Revista Política Hoje**, Vol. 20, n. 1, 2011.

LEITE, Iara C. Cooperação Sul-Sul: conceito, história e marcos interpretativos. **Observador On-line**, v. 7, n. 3, p. 1-40, 2012.

LIMA, Maria Regina Soares de. A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 48, n. 1, p. 24-59, 2005.

MERCOSUL. Tratado de Assunção (1991). Disponível em: <http://www.mercosur.int/innovaportal/file/719/1/CMC_1991_TRATADO_ES_Asunci on.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2015.

MILANI, Carlos RS. Aprendendo com a história: críticas à experiência da Cooperação Norte-Sul e atuais desafios à Cooperação Sul-Sul. **Caderno CRH**, v. 25, n. 65, p. 211-231, 2012.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Tipos de Acordos no Âmbito da ALADI**. Disponível em: <>. Acesso em: 19 jun. 2015.

MITRANY, D. **A Working Peace System**. Chicago, Quadrangle Books, 1946. 221 p.

RODRÍGUEZ, Rodolfo H.; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. MERCOSUL: um processo de integração. Organização Pan-Americana da Saúde, organizador. **Recursos humanos em saúde no MERCOSUL**. Rio de Janeiro: Organização Pan-Americana da Saúde, p. 9-29, 1995.

SEGIB. **Informe de la Cooperación Sur-Sur en Iberoamérica**. Madri: Segib, out. 2008.

SEGIB. **Informe de la Cooperación Sur-Sur en Iberoamérica**. Madri: Segib, out. 2009.

SEGIB. **Informe de la Cooperación Sur-Sur en Iberoamérica**. Madri: Segib, out. 2010.

SEGIB. **Informe de la Cooperación Sur-Sur en Iberoamérica**. Madri: Segib, out. 2011.

SEGIB. **Informe de la Cooperación Sur-Sur en Iberoamérica**. Madri: Segib, out. 2012.

SEGIB. **Informe de la Cooperación Sur-Sur en Iberoamérica**. Madri: Segib, out. 2013-2014.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**. pp. 20-45, 2006.